



FOTO: ACNUR/LUCAS NOVAES

Ao longo da última Semana Epidemiológica (de 15 a 21 de agosto) se manteve a tendência de queda de diversos indicadores da pandemia que vêm sendo acompanhados pelo Observatório Covid-19 Fiocruz. Após o pico de casos e óbitos, observado de março a maio de 2021, a incidência de Covid-19 vem caindo, acompanhada pela queda de mortalidade. No entanto, a alta taxa de positividade dos testes, somada ao espalhamento da variante Delta, pode favorecer a formação de um patamar elevado de transmissão por um longo período, ainda que com a redução de óbitos, em função da vacinação.

Os dados mostram um progresso lento da cobertura vacinal, com uma média de 1 milhão de doses aplicadas por dia. A capacidade do SUS para a distribuição e aplicação de vacinas pode chegar a 2 milhões de doses, cifra que foi alcançada em alguns dias.

Aliado a isto, há também uma retomada da circulação de pessoas nas ruas, em padrão próximo ao anterior à pandemia. A pandemia ainda persiste e um comportamento de atividades em níveis pré-pandêmicos, junto a um relaxamento das medidas de prevenção por parte de pessoas e gestores, contribui para a alta propagação do vírus.

Mas, ao mesmo tempo em que o declínio nos números absolutos de casos e óbitos é notável, há uma estagnação proporcional nesse declínio para algumas faixas etárias, especialmente entre idosos. Vale lembrar que, no levanta-

mento mais recente dos casos mais graves, a partir de Síndromes Respiratórias Agudas Graves, foi observada uma possível reversão de tendência desses casos em vários estados.

A vacinação em esquema completo é muito importante, de forma que para alguns grupos mais vulneráveis, como idosos, são necessários esforços para chamar para segunda dose. Já existe, aliás, uma discussão sobre a necessidade de reforço. Será muito importante acompanhar estudos clínicos e epidemiológicos, em andamento no Brasil e no mundo, bem como a necessidade de, simultaneamente, ampliar a cobertura vacinal aos grupos mais jovens, grávidas e puérperas.

Neste cenário, é importante reestruturar e reforçar os serviços de saúde, desde as atividades de vigilância e atenção primária de saúde até os hospitais, para a nova fase da pandemia. É necessário também retomar as ações de testagem e rastreamento de contatos, de modo a identificar casos que necessitem cuidados hospitalares ou intensivos, ao mesmo tempo em que se interrompem as cadeias de transmissão. Permanecem como fundamentais o uso de máscaras, principalmente em ambientes fechados, a higienização das mãos com frequência e a manutenção de distanciamento físico, evitando-se completamente aglomerações. Esses cuidados são necessários para que se contenha a transmissão do vírus e se evite o surgimento e a circulação de novas variantes.

Casos e óbitos por Covid-19

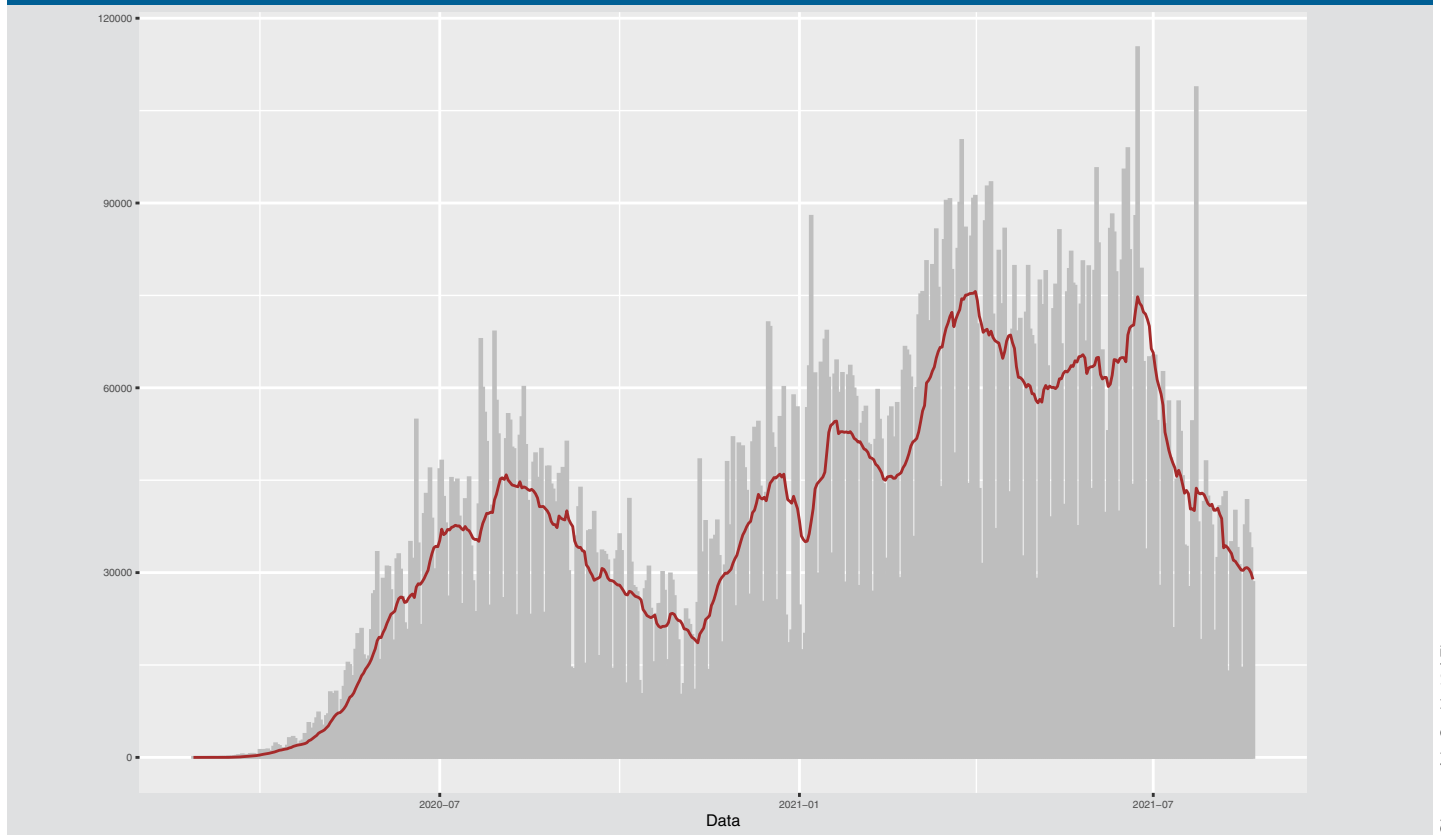
Ao longo da última Semana Epidemiológica (SE), de 15 a 21 de agosto, foi mantida a tendência de redução do número de óbitos no país, que diminuiu a uma taxa de 1,5% ao dia. No momento a média é de 770 óbitos por dia. A média diária de casos se situa em 30 mil casos confirmados a cada dia, o que ainda pode ser considerado um valor preocupante, e vem oscilando ao longo das últimas semanas. Após uma redução de 1% do número de casos ao dia, mantida nas últimas quatro semanas, foi observado um aumento de 0,6% na SE 33. Além disso, a taxa de positividade dos testes permanece alta, o que mostra a intensa circulação do vírus, com a expansão da variante Delta. Este e outros dados, por estado e município, podem ser visualizados na plataforma MonitoraCovid19.

A oscilação no número de casos diários reflete, em certa medida, um ambiente que tem sido propício para a transmissão da doença, na retomada de muitas atividades, envolvendo a circulação de pessoas, o uso de transporte público, o trabalho e o lazer.

De qualquer forma, tem prevalecido a redução sustentada da incidência de casos e da mortalidade, como resultado da vacinação. Na última semana, a taxa de letalidade, que se encontrava em torno de 3%, caiu para 2,6%. A vacinação, entretanto, que seguramente reduz os riscos de agravamento da doença, não impede completamente a transmissão do vírus.

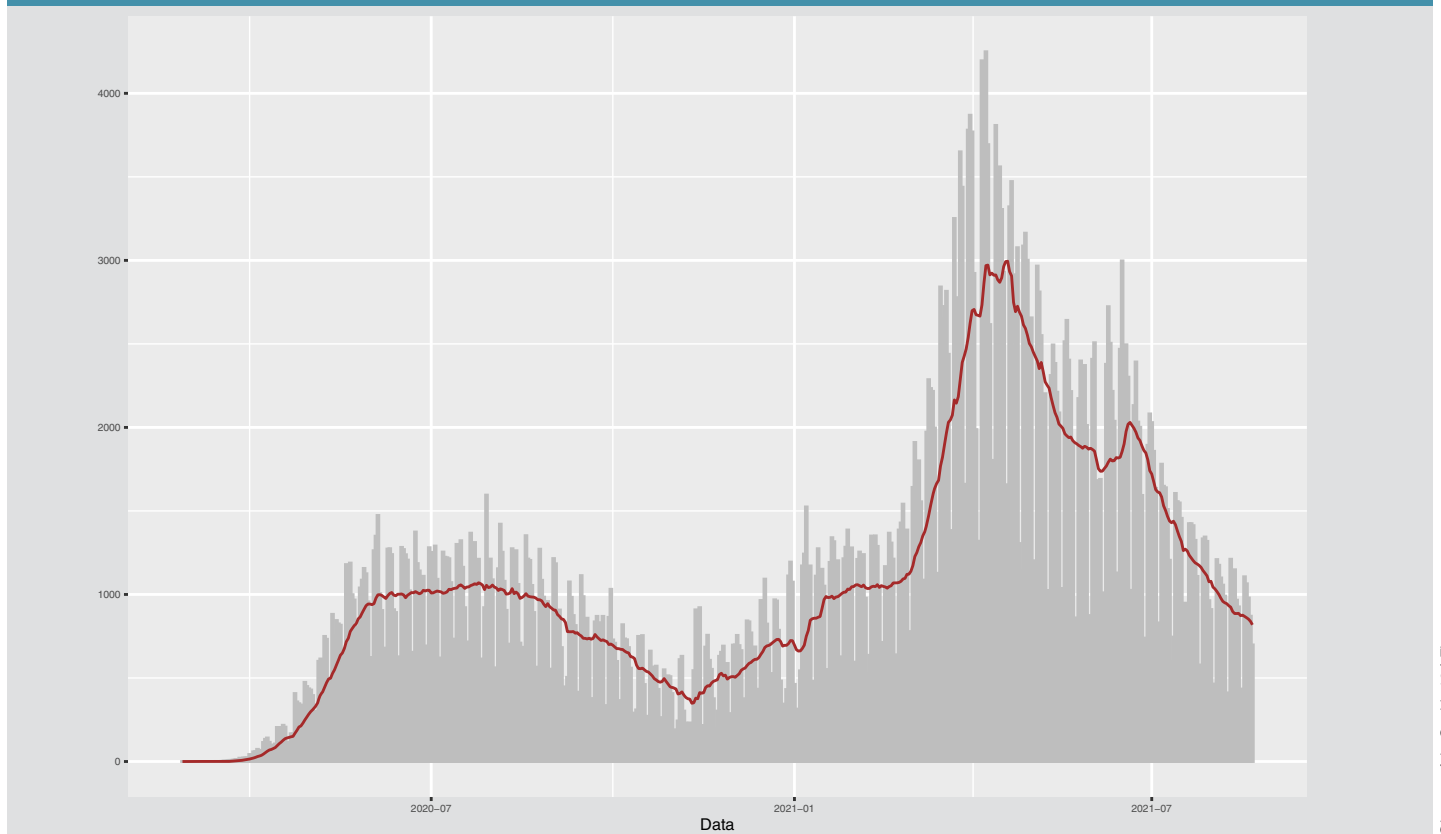
A redução do impacto da pandemia de modo mais duradouro somente será alcançada com a intensificação da campanha de vacinação, a adequação das práticas de vigilância em saúde, o reforço da atenção primária à saúde, além do amplo emprego de medidas de proteção individual, como o uso de máscaras e distanciamento físico. A circulação de novas variantes do vírus tem causado infecções, mas não necessariamente um aumento no número de casos graves na mesma proporção, devido à proteção já adquirida pelos diferentes grupos populacionais vacinados.

INCIDÊNCIA DE CASOS



Observatório Covid-19 | Fiocruz

INCIDÊNCIA DE ÓBITOS



Observatório Covid-19 | Fiocruz

Leitos de UTI para Covid-19

As taxas de ocupação de leitos de UTI Covid-19 para adultos no SUS, obtidas em 23 de agosto, continuam apresentando um cenário geral positivo. No entanto, ainda que este seja um quadro animador, é preciso ter cautela frente ao espalhamento da variante Delta do Sars-CoV-2 no país.

Exceto por Roraima, todos os estados da Região Norte estão fora da zona de alerta, com taxas inferiores a 50%. Roraima voltou à zona de alerta crítico ($\geq 80\%$), merecendo atenção pelo crescimento do indicador pela terceira semana consecutiva, em comportamento contrário ao padrão de melhoria que vem predominando no restante do país. Entre 2 e 9 de agosto foram desativados 24 de 74 leitos de UTI no estado, o que fez relativizar o seu retorno à zona de alerta intermediário nas semanas seguintes. De 16 a 23 de agosto, entretanto, o crescimento de 10 pontos percentuais no indicador preocupa, mesmo considerando o denominador tão baixo. Roraima é um estado de fronteira, e não se pode descartar a hipótese de ser via de entrada de casos, inclusive com variantes de maior transmissibilidade. Vale destacar que o Amazonas, ainda que tenha apresentado queda no indicador e esteja em patamar (44%) confortável, teve registro de aumento de leitos. A circulação da variante Delta já foi confirmada no estado.

Todos os estados do Nordeste estão com taxas inferiores a 50%, assim como Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo, no Sudeste. O Rio de Janeiro se manteve estável em relação à última semana, permanecendo na zona de alerta intermediário.

Os estados do Sul e Centro-Oeste mostraram-se, de forma geral, com o indicador em níveis mais baixos, estando Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso fora da zona de alerta. O Paraná e o Distrito Federal permaneceram na zona de alerta intermediário, com taxas, respectivamente, de 60% e 63%, mas em combinação com as quedas de 1.800 para 1.745 leitos, e 144 para 128 leitos, respectivamente.

No Brasil, mais 14 estados apresentaram alguma redução de leitos de UTI Covid-19 para adultos no SUS. É perceptível um movimento cuidadoso, de redução paulatina. Entre as capitais, 22 estão fora da zona de alerta, merecendo destaque as quedas no indicador observadas em Fortaleza (64% para 49%) e Goiânia (de 82% para 73%). Boa Vista, onde se situam os leitos de Roraima, está com a mesma taxa do estado (84%), enquanto a cidade do Rio de Janeiro mantém-se com taxa em nível muito crítico (96%). Curitiba, que apresenta a quarta taxa entre as capitais, se manteve estável (72%). Belo Horizonte apresenta taxa de 48% ao se considerar leitos do setor público e privado, mas atinge 64% quando se restringe o indicador no universo de leitos de UTI do SUS.

O único estado com taxa de ocupação superior a 80% é Roraima (84%). Quatro unidades da Federação estão na zona de alerta intermediário ($\geq 60\%$ e $< 80\%$): Rio de Janeiro (69%), Paraná (60%), Goiás (64%) e Distrito Federal (63%). Vinte e dois estados estão fora da zona de alerta: Rondônia (38%), Acre (9%), Amazonas (44%), Pará (40%), Amapá (21%), Tocantins (44%), Maranhão (49%), Piauí

(43%), Ceará (36%), Rio Grande do Norte (36%), Paraíba (19%), Pernambuco (39%), Alagoas (20%), Sergipe (30%), Bahia (36%), Minas Gerais (37%), Espírito Santo (43%), São Paulo (40%), Santa Catarina (49%), Rio Grande do Sul (54%), Mato Grosso do Sul (43%) e Mato Grosso (59%).

Dois capitais estão com taxas de ocupação de leitos de UTI Covid-19 superiores a 80%: Boa Vista (84%) e Rio de Janeiro (96%). Quatro capitais estão na zona de alerta intermediário: Belo Horizonte (64%), Curitiba (72%), Goiânia (73%) e Brasília (63%). Vinte capitais estão fora da zona de alerta: Porto Velho (26%), Rio Branco (8%), Manaus (44%), Belém (35%), Macapá (23%), Palmas (37%), São Luís (54%), Teresina (42%), Natal (39%), João Pessoa (16%), Recife (43%), Maceió (23%), Aracaju (45%), Salvador (26%), Vitória (39%), São Paulo (38%), Florianópolis (18%), Porto Alegre (59%), Campo Grande (49%) e Cuiabá (56%).

As taxas de ocupação de leitos de UTI predominantemente baixas, mesmo com a redução de leitos, continuam a apontar no sentido da diminuição de quadros graves e, portanto, de melhoria do quadro pandêmico. No Estado do Rio de Janeiro existe uma especulação sobre a reabertura de leitos, por conta do aumento na demanda de hospitalizações, mas isso não aparece claramente nos dados. Também não se descarta a hipótese de que pacientes imunizados, ainda que predominantemente idosos, requeiram hospitalização, mas sem a necessidade de cuidados intensivos.

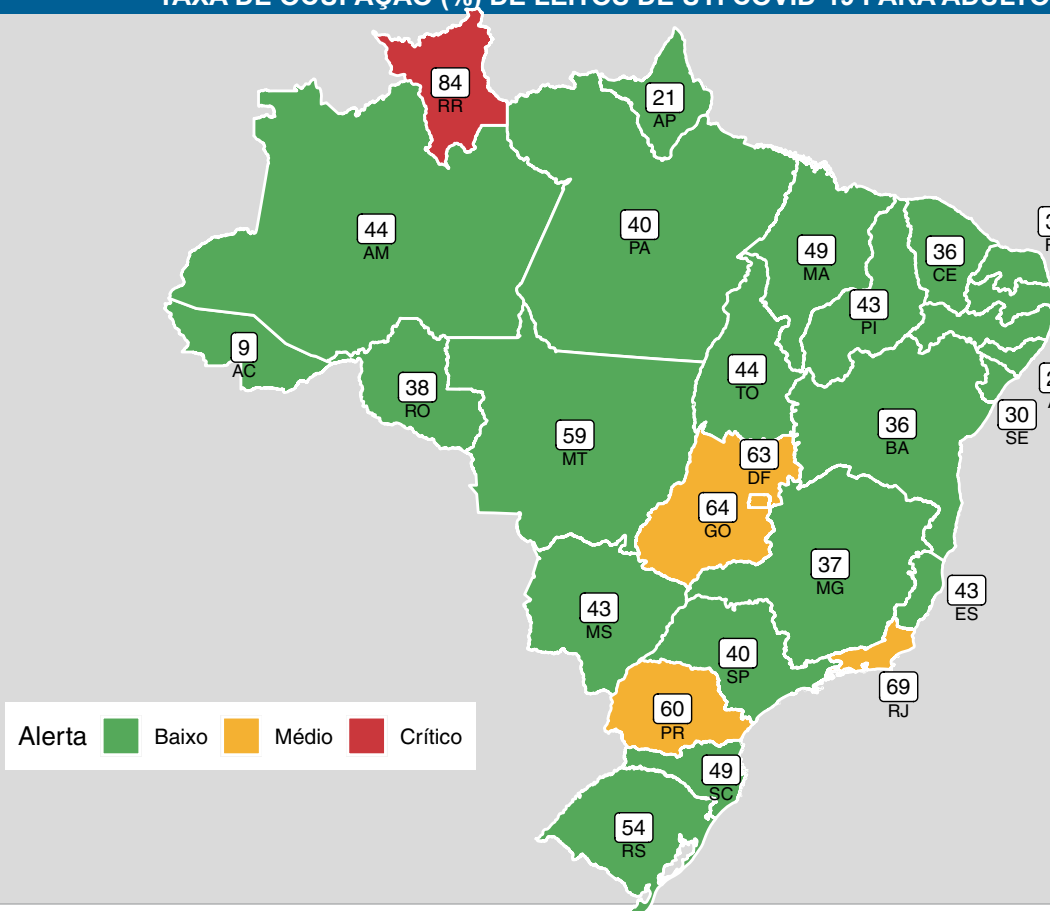
É fundamental acompanhar a tendência nas próximas semanas, pois a variante Delta, que já apresenta elevada prevalência no Rio de Janeiro, pode alterar a situação. Soma-se a isso, o fato de o estado, especialmente a capital, ter uma população idosa expressiva, para a qual o benefício inicial da vacinação, ocorrida ainda entre os meses de janeiro e fevereiro, pode vir se reduzindo, em razão das características imunológicas desse grupo.

Em outros países, a necessidade de reforço vacinal imediato para grupos mais comprometidos imunologicamente, assim como a combinação de vacinas, têm sido objeto de intenso debate e de estudos. Há também argumentos em defesa da importância de ampliar a vacinação para grupos ainda não cobertos, tanto pela garantia da equidade de acesso às vacinas, como pelo potencial de redução da circulação do vírus. No Brasil, cabe equacionar os objetivos de manter protegidos com a vacinação grupos mais vulneráveis e ampliá-la para adolescentes e crianças.

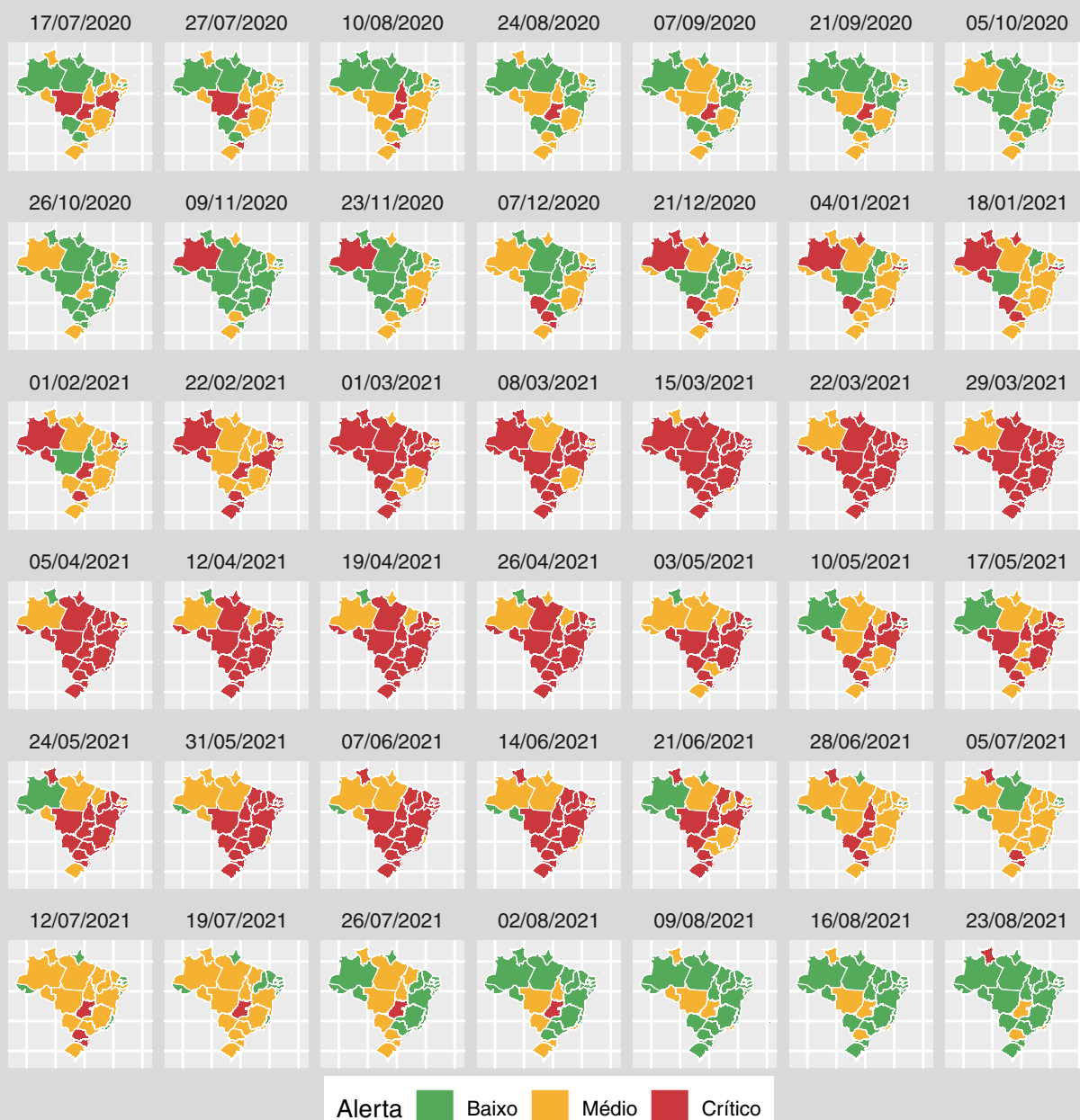
Gestores já anunciam o início da administração de uma terceira dose de vacina para os mais idosos e imunossuprimidos, no sentido de compensar a maior vulnerabilidade imunológica do grupo. No entanto, é importante que as decisões sejam coletivas, orientadas pelas melhores evidências científicas disponíveis, e em acordo com a coordenação do Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra Covid-19.

Vale lembrar que o controle da pandemia deve estar ancorado na vacinação, mas também no uso de máscara e no distanciamento físico, que continuam sendo estratégias fundamentais para o enfrentamento da Covid-19.

TAXA DE OCUPAÇÃO (%) DE LEITOS DE UTI COVID-19 PARA ADULTOS



TAXA DE OCUPAÇÃO (%) DE LEITOS DE UTI COVID-19 PARA ADULTOS



Ampliar a vacinação, combinando com vigilância em saúde, amplo uso de máscaras e medidas de distanciamento físico

Esta edição do Boletim reforça a importância do esquema vacinal como a principal medida para a proteção em relação à transmissão e à evolução para casos que demandem hospitalização e cuidados intensivos. Ampliar a vacinação completa para todos os elegíveis e vulneráveis é fundamental neste momento, o que inclui campanhas e busca ativa para os que ainda não tomaram a segunda dose das vacinas de duas doses, como Coronavac, AstraZeneca e Pfizer.

Embora as vacinas venham claramente contribuindo para a redução de casos graves, internações e óbitos no país como um todo, o surgimento e crescimento da presença de novas variantes de preocupação, como a Delta, deve manter os serviços de vigilância em saúde em alerta, com amplo uso de testes, detecção de casos, isolamento e quarentena. As pessoas vacinadas certamente estão com uma proteção melhor em relação ao risco de evoluir para casos graves e hospitalizações do que pessoas ainda não vacinadas. Entretanto, é importante observar que nenhuma vacina é 100% eficaz para impedir ou bloquear a transmissão, de modo que pessoas vacinadas podem, além de se infectar, ainda que em menor proporção do que os não vacinados, e com risco bastante reduzido de evoluir para quadros mais graves, transmitir o vírus.

Neste contexto, enquanto a pandemia estiver em curso, além da necessidade de ampliar a aceleração da vacinação, é de grande importância para todos, mesmo os que tomaram vacinas, manter medidas como o uso de máscaras e de distanciamento físico. É crucial destacar os seguintes pontos:

- A recomendação do uso de máscaras tanto em ambientes fechados como naqueles abertos, mas com maior concentração e aglomeração de pessoas, em especial em municípios com períodos com elevada transmissão e registro de casos.

- A sugestão de que pessoas vacinadas utilizem máscara se compartilham casas e ambientes com pessoas com elevado risco de evoluir para quadros graves de Covid-19, como idosos, imunossuprimidos e/ou com comorbidades (diabetes, sobrepeso ou obesidade e problemas cardíacos), bem como pessoas ainda não vacinadas.

- A sugestão, para pessoas com elevado risco de evoluir para quadros graves de Covid-19, como idosos, imunossuprimidos e/ou com comorbidades (diabetes, sobrepeso ou obesidade e problemas cardíacos), de manter as medidas de proteção, como uso de máscaras e distanciamento físico, independentemente de estarem vacinadas.

Fontes:

European Centre for Disease Prevention and Control. Full vaccination is key to protecting against serious COVID-19, including disease caused by the Delta variant. 4 Aug 2021. <https://www.ecdc.europa.eu/en/news-events/ecdc-and-ema-update-covid-19>

Centers for Disease Control and Prevention. Interim Public Health Recommendations for Fully Vaccinated People. 28 Jul 2021. <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/vaccines/fully-vaccinated-guidance.html>

EXPEDIENTE | Boletim Observatório Covid-19 é uma publicação do Observatório Covid-19 /Fiocruz.

Presidente: Nísia Trindade Lima • Assessoria de Relações Institucionais: Valcler Rangel Fernandes • Observatório Covid-19: Carlos Machado de Freitas, Christovam Barcellos, Daniel Antunes Maciel Villela, Gustavo Corrêa Matta, Lenice Costa Reis, Margareth Crisóstomo Portela, Diego Ricardo Xavier, Raphael Guimarães, Raphael de Freitas Saldanha, Isadora Vida Mefano • Coordenação de Comunicação Social - Coordenação: Elisa Andries • Edição e Revisão: Regina Castro e Ricardo Valverde • Estagiária de Comunicação: Ana Flávia Pilar • Projeto Gráfico e Arte: Airton Santos e Guto Mesquita